

ESTRATEGIA MOTRIZ EN EL BALONMANO PLAYA: UN ANÁLISIS PRAXIOLÓGICO

ESTRATÉGIA MOTRIZ NO HANDEBOL DE AREIA: UMA ANÁLISE PRAXIOLÓGICA

STRATEGY IN THE SAND HANDBALL: A PRAXIOLOGICAL ANALYSIS

Pierre Normando Gomes-da-Silva (BRASIL). Universidade Federal da Paraíba

Contacto: pierrenormandogomesdasilva@gmail.com

Diego Moreira da Costa Oliveira (BRASIL). Laboratório de Estudos e Pesquisas em Corporeidade, Cultura e Educação

George de Paiva Farias (BRASIL). Prefeitura Municipal de João Pessoa-PB

Rodrigo Wanderley de Sousa Cruz (BRASIL). Instituto de Educação Superior da Paraíba

Leys Eduardo dos Santos Soares (BRASIL). Laboratório de Estudos e Pesquisas em Corporeidade, Cultura e Educação

João Francisco Magno Ribas (BRASIL). Universidade Federal de Santa Maria-RS

Fecha recepción: 25-2-17

Fecha aceptación: 14-6-17

Resumen

El balonmano playa posee algunas particularidades que le diferencian de la modalidad sala. En virtud de tales peculiaridades, su objetivo es analizar los gestemas y praxemas motrices en un partido oficial de balonmano playa, explicitando las comunicaciones y contracomunicaciones de este juego. Se trata de una investigación descriptiva con abordaje cualitativo de datos, utilizando un método observacional indirecto. Partiendo de la Praxiología motriz se elaboró un protocolo de observación utilizado como recopilación de datos en la final femenina de la 16ª edición de la copa Kika de balonmano playa realizada en la playa de Cabo Branco en la ciudad de João Pessoa, provincia de Paraíba – Brasil. El balonmano playa ha sido analizado como una actividad de interacción en que los participantes están involucrados en un trabajo comunicativo de codificación y decodificación entre compañeros y contrincantes. Los resultados obtenidos ayudan a la comprensión de los diferentes procesos de interacción en el juego desde el lenguaje de las acciones de los jugadores, ofreciendo parámetros para posibles métodos de entrenamiento que tengan como objetivo una optimización del desempeño táctico del equipo.

Palabras clave: balonmano playa, juego, comunicación, praxiología motriz.

Resumo

O handebol de areia possui algumas particularidades que o diferenciam da modalidade de quadra. Em virtude dessas peculiaridades, objetivou-se analisar os gestemas e praxemas motrizes numa partida oficial de handebol de areia, explicitando as comunicações e contracomunicações deste jogo. Trata-se de uma pesquisa de natureza descritiva, com abordagem qualitativa dos dados, utilizando-se da técnica de observação indireta. A partir da Praxiologia Motriz foi elaborado um protocolo de observação utilizado como coleta de dados na final feminina da 16ª edição da Taça Kika de Handebol de Areia, realizada na praia do Cabo Branco na cidade de João Pessoa-PB. O handebol foi analisado como um espaço de interação em que os participantes estão envolvidos num trabalho comunicativo de codificação e decodificando entre companheiros e adversários. Os resultados obtidos auxiliam na compreensão dos diferentes processos de interação no jogo de handebol, a partir da linguagem das ações dos jogadores fornecendo parâmetros para possíveis metodologias de treino que objetivem uma otimização do desempenho táctico da equipe.

Palavras chave: handebol, jogo, comunicação, praxiologia motriz.

Abstract

The sand handball has some peculiarities that differentiates it from the modality of court. Due to these peculiarities, the objective was to analyze the gestemas and praxemas in an official sand handball game, explaining the communications and counter-communications of this game. It is a research of a descriptive nature, with qualitative approach of the data, using the technique of indirect observation. From the Motor Praxiology, an observation protocol was used to collect data in the women's final of the 16th edition of the Kika Cup of Sand Handball, held at Cabo Branco beach in the city of João Pessoa-PB. We analyzed handball as a space of interaction in which the participants are involved in a communicative work of codification and decoding between comrades and opponents. The results obtained help to understand the different interaction processes in the handball game, based on the language of the players' actions, providing parameters for possible training methodologies that aim at an optimization of the team performance.

Keywords: handball, game, communication, motor praxiology.

Introdução

A partir de adaptações do handebol de quadra, o handebol de areia teve sua origem na Itália, no início dos anos 90. Porém tratava-se apenas de normas gerais que não atingiram naquele momento um caráter de padrão para todo o mundo. Em 1992, torneios foram disputados seguindo estas regras na Itália, assim como o jogo estava sendo bastante praticado na França e Holanda conhecidos por lá como Sandball e Handball on the beach, respectivamente. Contudo, foi no XXV Congresso da Federação Internacional de Handebol (IHF), no ano de 1994 em Noordwijk, cidade situada na Holanda, que as regras foram devidamente oficializadas ocorrendo a apresentação do handebol de areia para todo o mundo, inclusive com a realização de uma partida demonstrativa entre as seleções de Holanda e Itália (Crispim Junior, Almeida e Bergano, 2010).

O handebol de areia possui algumas particularidades que o diferenciam da modalidade de quadra: o campo de areia mede 27 m x 12 m, e é dividido em 15 m de área de jogo, 6 m de área do goleiro para cada equipe e o quantitativo de 3 jogadores de linha mais o goleiro, totalizando apenas 4 jogadores (duas ponteiros, uma pivô e a especialista/goleira) podendo possuir 4 reservas. No handebol de areia a equipe que possui a posse de bola, a goleira torna-se jogadora de linha, denominada de especialista, isso culmina numa superioridade numérica durante a ação ofensiva - esta função também foi incorporada recentemente no handebol de quadra com as novas regras implementadas em 2016-. Cada gol corresponde a um ponto, porém os gols da especialista e os gols realizados de maneira "acrobática", ponte aérea ou giro no ar, valem dois pontos (International Handball Federation, 2010).

Em virtude dessas peculiaridades, resolvemos analisar o handebol de areia a partir da sua lógica de funcionamento. Sendo assim nos ancoramos através em uma teoria que nos últimos anos vem sendo crescente no Brasil as publicações de livros e artigos, bem assim como a organização de seminários, ganhando destaque no meio científico: a Praxiologia Motriz. O conhecimento praxiológico é recente no Brasil e ainda está restrito ao trabalho de pesquisadores em seus respectivos grupos de pesquisa situados em diferentes regiões do país, dentre elas podemos citar a UFAM, UFRF, UFSM, UFPB, UNICAMP UFSCar e UNESP-Bauru, o que de certo modo suscita a difusão desta metodologia de análise do universo dos jogos e esportes (Gomes-da-Silva, Betti e Gomes-da-Silva, 2014; Oliveira e Bortoleto, 2011; Ribas, 2002; Ribas e Marco, 2008).

A Praxiologia Motriz é um conhecimento científico, fundado por Parlebas (2001), considerado uma fonte importante na análise e interpretação das ações motrizes nos jogos e esportes. A teoria praxiológica é conhecida como "ciência da ação motriz e especialmente das condições, modos de funcionamento e resultados de seu desenvolvimento" (Parlebas, 2001, p.354). Esta teoria se fundamenta na concepção que as mais diversas práticas corporais e ações que acontecem no transcurso destas atividades são portadoras de uma lógica interna que rege o funcionamento destas. Na prática, o conhecimento praxiológico tem como objetivo revelar a lógica interna destas atividades a partir da distinção e identificação dos variados elementos que determinam a lógica de funcionamento destas atividades, isto é, a gramática do jogo.

Para essa tarefa, Parlebas (2001) elenca a comunicação práxica como um dos instrumentos mais importantes e definidor da lógica interna das ações motrizes que ocorrem em vários jogos e esportes, de modo que "este critério de interação permite compreender os comportamentos na medida em que se inserem em uma unidade global, ou seja, em um sistema que dá sentido as ações de cada um (2001, p.82)". Significa dizer que no jogo os participantes estão interligados e o jogo organizado só ocorre porque os participantes interagem conseguindo assim atingir os objetivos do jogo.

A comunicação práxica pode ser dividida em direta e indireta. A comunicação práxica direta é composta pelas ações de Comunicação (diferentes meios e formas de cooperação) e ações de Contracomunicação (diferentes meios e formas de oposição). Já a comunicação práxica indireta é subdividida em Gestemas e Praxemas. Os Gestemas são gestos, movimentos, ações corporais que indiquem um sinal de ordem tática ou relacional podendo ser unívoco (interpretado por todos os jogadores) e particulares (interpretado somente pela a equipe). Enquanto os Praxemas são "condutas motrizes de um jogador interpretado como um signo, cujo o significante é o comportamento observável e o significado é o comportamento tático correspondente ao dito comportamento, tal e como é percebido" (Parlebas, 2001, p.349). Assim, os participantes do jogo tem o papel de interpretar o significado tático da movimentação dos outros jogadores, ou seja, buscar decifrar os praxemas.

Para Parlebas (2001) existe uma distinção fundamental entre tática e estratégia. Para o autor, tática seria a aplicação concreta dos meios de ação e a estratégia seria a adequação das táticas ao objetivo. Sendo assim a tática é a operação cognitiva de um plano de ação elaborado previamente, já a estratégia é adaptação deste plano de ação à situação motriz. Desta maneira estratégia motriz é conceituada como a "aplicação sobre o terreno de um plano de ação individual ou coletivo, com a finalidade de resolver a tarefa proposta por uma situação motriz determinada" (Parlebas, 2001, p. 215).

Desse modo, trataremos aqui de explicitar as ações estratégicas ofensivas e defensivas no handebol de areia, os planos de ações motrizes que ocorrem nas diferentes situações do jogo. Isto significa dizer que as decisões que o jogador de handebol de areia toma durante o jogo apesar de serem planejadas previamente, são tomadas a partir de inúmeras situações durante o jogo: análise do companheiro, do adversário e do entorno em que se passa a jogada. Tratando-se assim de uma análise das comunicações motrizes presentes.

Pela praxiologia motriz podemos compreender que as ações desenvolvidas por uma equipe estão imbricadas numa rede de comunicações, de maneira que uma vez que se identifica os sinais emitidos seja por companheiros ou adversários é possível uma antecipação, e por conseguinte, a otimização do comportamento técnico-tático destes jogadores, de modo ofensivo ou defensivo. Assim é preciso levar em consideração que os esportes coletivos são comunicativos, o jogo possui uma estrutura de mediação, comunicação e interação, são signos que permeiam as jogadas. Sendo assim faz-se necessário valorizar esses aspectos no processo de ensino-aprendizagem-treinamento neste grupo de esportes, pois estes parâmetros são fundantes para a melhoria do desempenho tático da equipe.

Em um recente estudo realizado por Ribas (2014) foi proposto o desenvolvimento de um olhar praxiológico do processo de ensino-aprendizagem que remontasse a realidade mais próxima do jogo com base nas características desse (cooperação/oposição), e que subsidiasse as leituras do jogo como forma de antecipação das ações. O parâmetro utilizado para esta análise foi calçado nos elementos de análise de jogo da Praxiologia Motriz do sistema de classificação (Parlebas, 2001), e na proposta da Iniciação Esportiva Universal de Greco (1998), mais precisamente no que tange à oposição. A pergunta central deste estudo foi: Onde acontecem as interações de cooperação/oposição no voleibol?

Com base nos trabalhos de Serenine, Freire e Noce (1998) e de Ugrinowitsch e Uehara (2006), o jogo de voleibol pode ser dividido em seis momentos: saque, recepção/passe, levantamento, ataque, bloqueio e defesa. O que foi defendido por Ribas (2014) centralmente neste trabalho é que, em se tratando de jogos esportivos coletivos, com características de cooperação/oposição, a técnica sempre será atrelada e significada por elementos táticos, ou seja, se constituirá numa ação dinâmica que envolve interações de comunicação e contracomunicação.

Por isso, defende que, se for ensinada a técnica, apresentando desde o início o sentido desta no jogo, o aprendiz terá condições, elementos e instrumentos para construir suas ações nos diversos momentos do jogo de voleibol. Significa dizer que o processo de ensino-aprendizagem fica comprometido se prevalecer a repetição de um gesto técnico fora do contexto do jogo, limitando significativamente o entendimento de todo o processo de aprendizagem. O autor sugere que as interações de cooperação e oposição façam parte do conhecimento do ensino-aprendizagem dos esportes coletivos, aproximando assim o aprendiz ao sentido dessas ações motrizes no contexto do jogo. Em síntese, isto significa que os participantes de jogos que prevaleçam a interação motriz de cooperação/oposição os jogadores terão o papel de interpretar o significado tático das ações motrizes que acontecem durante o jogo.

Diante disso, o objetivo desta pesquisa é analisar os gestemas e praxemas motrizes numa partida oficial de handebol de areia, explicitando as comunicações e contracomunicações deste jogo. E assim, uma vez identificada a linguagem das ações dos jogadores poderemos apontar direções para o ensino-aprendizagem e treinamento nos jogos esportivos coletivos em geral. Isso se faz importante por demonstrar que as comunicações presentes no handebol de areia podem, por meio dos conhecimentos praxiológicos, serem elucidadas em situações de jogos de diversos outros esportes coletivos.

Métodos

Tratou-se de uma pesquisa de cunho descritivo por registrar e descrever o fenômeno estudado, e de abordagem qualitativa objetivando traduzir e expressar o sentido de tal fenômeno, utilizando-se da técnica da observação indireta. O estudo se deu mediante a observação de imagens, utilizando protocolo de observação, da final feminina da 16ª edição da Taça KIKA de Handebol de Areia, realizada no período de 19 à 22 de janeiro de 2012 nas areias da praia do Cabo Branco em João Pessoa-PB. Este evento fez parte do calendário nacional e acontece tradicionalmente todos os anos na referida praia, que é um local onde as práticas corporais são visivelmente assíduas devido aos espaços oferecidos na orla pela gestão municipal para atividades físicas, dentre eles: calçada para caminhada, pista para patins, skate e ciclismo e espaços propícios para vôlei e futebol de praia.

O instrumento utilizado para a captação das imagens foi uma câmera Digital FujiFilm FinePix S2950, apoiada sobre um tripé STC-360 Light weigh. Utilizamos o plano geral de filmagem. As duas equipes que se classificaram para a final foram Associação do Pessoal da Caixa Econômica Federal (APCEF) e o Handebol Clube da Paraíba (HCP), representando o maior clássico do handebol de areia feminino. Estas são equipes de tradição que já foram campeãs do circuito brasileiro e que já se enfrentaram seguidas vezes em finais de competições, tratando-se de um jogo de um nível técnico-tático de grande relevância.

Os vídeos foram analisados a partir do conhecimento da Praxiologia Motriz, que subsidiou a elaboração de um protocolo de observação construído para melhor descrever as ações estratégicas inerentes à comunicação motriz (estratégia ofensiva) e a contracomunicação motriz (estratégia defensiva), o protocolo de observação foi estruturado conforme quadro abaixo.

Quadro
Protocolo de observação: variáveis e seus indicadores

1.

Comunicação motriz	Contracomunicação motriz
- identificação da movimentação tática dos companheiros, objetivando a finalização.	- identificação da movimentação tática da equipe adversária.
- comunicação Gestêmica e Praxêmica: gestos e movimentações com significado tático.	- ações de Movimentação Defensiva realizadas pela equipe para conter a ação tática dos adversários

Em posse destes registros, buscamos identificar as diferentes relações entre as estratégias motrizes ofensivas e defensivas presentes em duas jogadas. As jogadas foram escolhidas por evidenciarem ações de comunicação motriz recorrentes durante o jogo e também pelo fato de demonstrarem a atuação estratégica da especialista durante as situações ofensivas. Nestas jogadas foi possível perceber como as ações comunicativas são importantes para o desenvolvimento tático seja de maneira ofensiva ou defensiva.

Resultados

Jogada nº 1

A defesa do HCP estava posicionada e alinhada próximo da linha de 6 metros que separa a área de gol da área de jogo. E a APCEF encontrava-se com duas atletas abertas nas laterais (as ponteiros), uma centralizada entre as defensoras adversárias (pivô) e a especialista centralizada armando a jogada. Após a equipe chegar ao ataque e realizar o "trabalho de bola" (trocas de passes), a especialista ao perceber um distanciamento entre o defensor que estava centralizado e o defensor que estava marcando na lateral da quadra, inicia uma situação ofensiva realizando um deslocamento diagonal para direita em direção ao gol com o objetivo de penetrar na defesa para efetuar o arremesso. Com essa movimentação rápida ela consegue atrair a marcação das defensoras do meio e da ponta, que praticamente foram obrigadas a se deslocarem juntas com a especialista para impedir sua progressão, neste momento a jogada recebe uma nova configuração surgindo mais duas possibilidades para a finalização da jogada. I- realizar o passe para a ponteira; II- realizar o passe com a pivô, esta ao perceber o surgimento de um espaço no meio da defesa faz um deslocamento para ficar o mais livre possível para completar esta comunicação, haja visto, que a outra ponteira defensiva ficou parada marcando a outra ponteira ofensiva. A especialista então faz uma leitura desta nova situação e faz a opção de passe com a pivô deixando-a em ótimas condições para a finalização da jogada (ponte aérea).

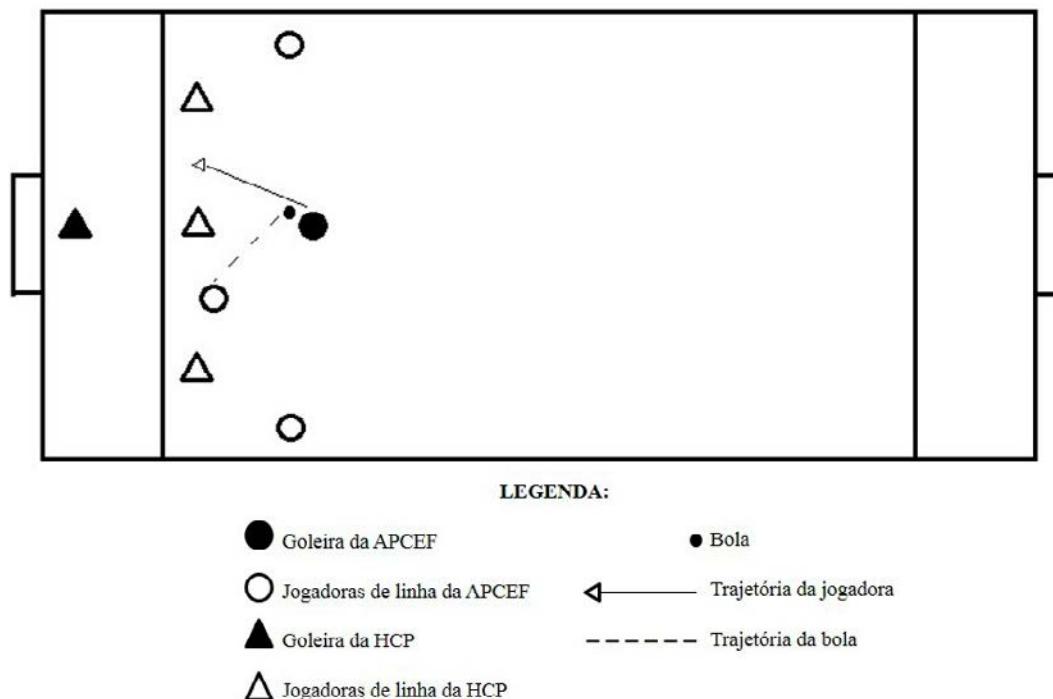


Figura 1. Primeira jogada.

Estratégia Motriz Ofensiva

A primeira ação de comunicação motriz nessa jogada é o avanço simultâneo de três jogadoras que se deslocam do seu campo de jogo avançando em linha em direção ao gol. Esse comportamento não se dá por acaso. Mesmo sem a utilização de gestos ou palavras, as três companheiras compreendem que devem avançar em direção ao gol, forçando a marcação nas pontas e deixando uma marcação simples no meio onde a pivô e a especialista podem agir em melhores condições ofensivas. Porém, esta decodificação da situação de jogo e dos demais não constituem uma leitura passiva, e requer uma atividade semiotriz com uma parte de interpretação subjetiva, fazendo-se assim, de uma aposta estratégica sobre o futuro (Parlebas, 2001).

No handebol de areia é característico as jogadas ofensivas 2:1 ou defensivas 1:2, isto é, dois atacantes para um marcador; e um atacante para dois marcadores, respectivamente. Essa superioridade numérica acontece pelo fato de que a goleira pode agir como jogadora de linha (especialista), dando ao jogo um novo ritmo de execução. A entrada desta jogadora faz com que em um momento de ataque a equipe de posse de bola tenha uma jogadora a mais na linha o que faz com que a marcação adversária tenha um grande esforço para se antecipar ao ataque.

Na jogada 1, a estratégia motriz de avançar simultaneamente das três jogadoras, causou uma indecisão quanto à marcação adversária, pois as mesmas tiveram que preocupar-se inicialmente com as posições das atacantes só para então perceber o comportamento tático da especialista e da pivô que em conjunto venceram a marcação. O avanço em linha permitiu também que a marcação seja feita apenas individualmente visto que cada participante encontra-se bem separado disposto em sua posição.

Desse modo, o primeiro praxema, isto é, uma movimentação de sentido tático que podemos identificar nessa jogada é o deslocamento em linha das jogadoras entendendo o sentido de ação de sua companheira. Um praxema só faz sentido quando as jogadoras envolvidas entendem os sentidos das ações motoras das outras companheiras, assim estes agiam em campo em função do comportamento da companheira. Nos explica Parlebas (2001, p.147), que numa situação como essa "cada jogador se dedica a ler o comportamento dos demais. Descobre espontaneamente os gestemas e tenta com sutileza reconhecer os praxemas segundo um código semiotor rara vez consciente" (Parlebas, 2001, p.147).

Este comportamento e gestos como sinais táticos, como o exemplo da troca de olhares, têm grande presença não apenas no handebol de areia, mas também em significativa parcela dos jogos coletivos. Esses meios de emissão, recepção e interpretação de sinais, apesar de comuns, muitas vezes são feitos de forma inconscientes pelos participantes. Isto é, eles não se dão conta da utilização destes gestos durante o jogo. Foi observado que o olhar da especialista que apontava para o espaço entre as duas marcadoras foi um gesto de comunicação entre a jogadora pivô e a especialista que indicava para onde iria se deslocar antes mesmo de receber a bola. Com efeito, o olhar é um código que anuncia as ações subsequentes. A jogadora pivô compreendeu o olhar da especialista e ambos efetuaram uma comunicação gestêmica, o que proporcionou a abertura de espaço para o arremesso do pivô, não se tratando assim de uma "simples operação de recepção, mas sim um processo de emissão e de recepção, de decodificação e codificação, em que a ação do decodificador resulta fundamental" (Parlebas, 2001, p.147).

Podemos comparar à especialista a função exercida pela levantadora do voleibol, ambas são jogadoras que organizam os ataques e ditam o ritmo do jogo. Ao deslocar-se para o espaço entre duas marcadoras, exigiu-se da especialista uma resposta rápida devida a uma reação das marcadoras que fecharam o espaço para impedir sua passagem. Explica Parlebas (2001, p.220), que essa "capacidade de iniciativa e de engajamento do adversário muitas vezes é tão grande, sobretudo com a realização de fintas, que a possibilidade de dar uma resposta imediata e ajustada ao máximo tem uma importância essencial". Desse modo, ao ir de encontro com a marcação e ser bloqueada, foi exigida uma tomada de decisão rápida da especialista, improvisando o passe para a jogadora pivô.

Percebemos assim que as exigências e características do jogo de handebol de areia determinaram que a jogadora não atuasse na situação de uma forma automatizada e inflexível, pelo contrário, ela teve um comportamento variável e optou por uma tomada de decisão ágil (Greco e Benda, 1998b). Porém não basta apenas a leitura da jogada e tomar uma decisão, é preciso que esses parâmetros estejam relacionados com a escolha de uma técnica ou gesto esportivo que seja condizente com a situação de jogo.

Estratégia Motriz Defensiva

Nesse tipo de jogada, as primeiras ações de contracomunicação ocorrem a partir da percepção da movimentação ofensiva adversária, neste caso, em linha. Primeiramente os defensores analisam com quem está a bola e em qual espaço do campo, dependendo do posicionamento da bola um novo tipo de organização defensiva pode ser realizado, de modo que "no sistema defensivo, o jogador deve compreender o contexto de desenvolvimento do jogo ofensivo, como as possibilidades que os atacantes possuem em virtude das áreas de vulnerabilidade defensiva" (Menezes, 2010, p.76).

Pelo fato da equipe com a posse de bola ter um jogador a mais na linha, fez com que uma marcação efetiva se concretizasse sendo necessários dois defensores atuando contra um adversário. Apesar de ser uma estratégia arriscada em face do espaço que "se abre" aos

outros atacantes, são nessas situações que acontecem os bloqueios e roubadas de bola. E como foi observado na figura 1, os defensores se aproximam para tentar bloquear a passagem da especialista com a bola. Pois se sabe que um gol de especialista corresponde a dois pontos, por isso existe essa preocupação especial com a movimentação desta jogadora. Porém, os defensores não conseguiram interpretar corretamente a movimentação da especialista que apenas tentou a infiltração para tirar a marcação da sua companheira.

Como já comentado, a movimentação em linha faz com que ocorra apenas a marcação individual de cada oponente, o que dificulta a contracomunicação do grupo. De maneira que essa movimentação possibilita subentender aos marcadores que qualquer ação que saia do plano de marcação individual é um erro grave de marcação. Isto é, em hipótese alguma os marcadores podem ser fintados nessas situações durante o jogo.

Apesar da percepção da movimentação da especialista em direção ao gol, forçando o fechamento dos espaços por parte das jogadoras de defesa do meio e da ponta para impedir a passagem, um detalhe merece ser explicado: não é apenas o movimento que faz com que as marcadoras fechem a marcação sob a especialista, é o olhar que pronuncia o que deve ser feito e para onde a jogadora vai. A especialista só foi impedida de finalizar a jogada pelo fato das marcadoras estarem atentas e compreenderem este sinal do olhar pronunciando o que o corpo executa no espaço (Soares, Gomes-da-Silva e Ribas, 2012). As diferentes maneiras de defesa e interceptação só ocorrem na maioria das vezes porque os marcadores conseguem interpretar corretamente os sinais do jogador adversário. Ao fazer isso, há a possibilidade de se antecipar a esta ação com melhores condições de agir.

Jogada nº 2

A equipe da APCEF com a posse de bola avançou em linha com três jogadoras: uma centralizada e as outras uma em cada ponta, enquanto isso a pivô encontrava-se no centro em frente à linha dos seis metros. Nesta situação, a equipe faz a opção por uma movimentação com trocas de papéis. Observou-se uma situação em que a especialista começa a jogada realizando um passe para a ponteira esquerda e desloca-se rapidamente na direção onde se encontrava a pivô que rapidamente troca de posição ocupando um novo espaço que foi "oferecido" nesta comunicação estabelecida com a especialista. A ponteira rapidamente passou a bola para a pivô, que, ao recebê-la, finge uma infiltração seguida de uma preparação para o arremesso, logo tanto a pivô quanto a especialista conseguem estabelecer uma relação de dois contra uma defensora, onde a pivô faz a opção por um passe especial por trás do corpo para a especialista que se encontrava em uma posição suficientemente boa para realizar um simples arremesso e marcar dois pontos.

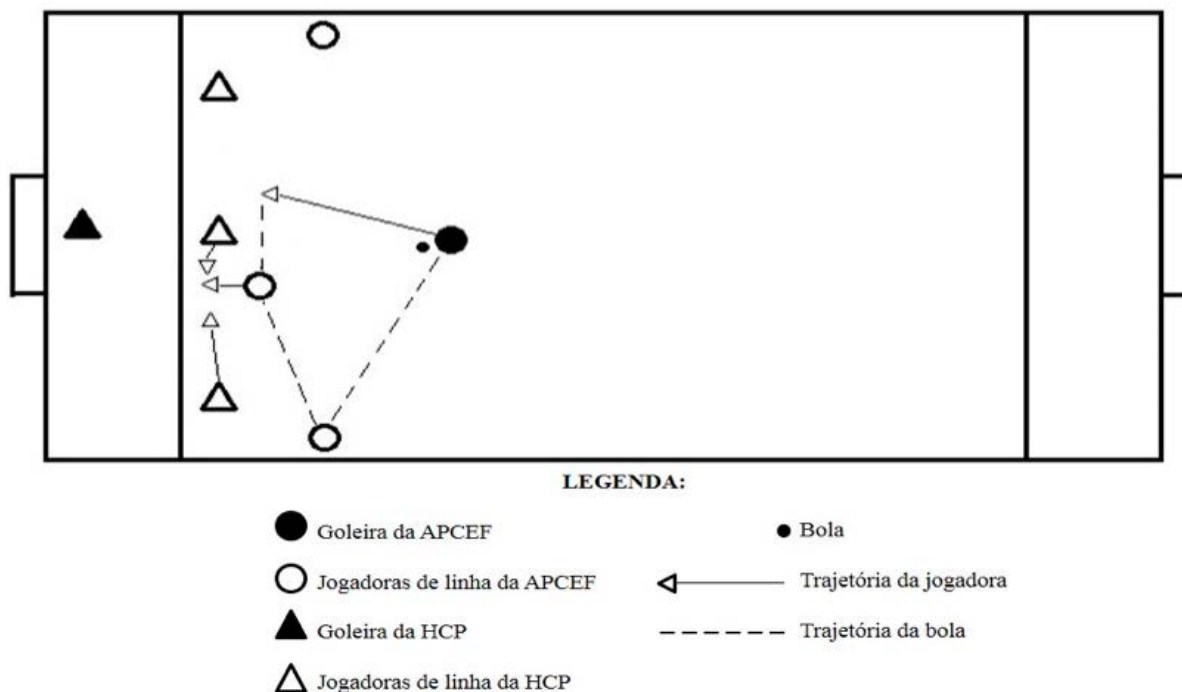


Figura 2. Segunda jogada.

Estratégia Motriz Ofensiva

O processo de comunicação entre a especialista e a pivô se inicia desde o momento em que a primeira faz o passe para a ponteira e se desloca em alta velocidade na direção da jogadora pivô. Mesmo que por instantes o contato visual não tivesse ocorrido com a especialista, quando a pivô recebe a bola já sabe exatamente o que fazer. A finta é apenas um movimento estratégico com fins de distrair a marcadora deixando espaço livre para a especialista.

Não é por acaso que os gols de pirueta e demais movimentos complexos valem mais pontos, pois o próprio movimento da jogadora que vai arremessar dificulta saber a exata direção do arremesso. Percebe-se nessa e nas demais jogadas no handebol de areia, que muitos recursos técnicos são utilizados nas mais diversas situações do jogo. Como pode ser observado nessa jogada, os gestos técnicos de alta execução são realizados em sequência. Primeiro a pivô desloca-se, traz a marcação, finge que vai arremessar passando a bola de costas para a especialista que recebe no ar e gira antes de arremessar. Nos diz Greco e Benda (1998a, p.55) que "os gestos técnicos são ferramentas que o atleta possui para resolver tarefas e problemas em esportes. As capacidades básicas inerentes às capacidades coordenativas dão base e sustento à técnica". Porém é na situação de jogo que a técnica se manifesta, e esta deve ser adaptada àquela situação específica, é na interpretação no tempo, espaço e situação, onde acontece a concretização da resposta para a solução de tarefas ou problemas motores (Greco e Benda, 1998a).

Observamos que as três jogadoras da equipe de posse da bola estavam envolvidas na jogada fazendo uso de um processo comunicativo. É possível perceber na figura 2 que nesse processo elas visualmente formavam a figura de um triângulo. A especialista que passou a bola, a ponteira que realizou um passe rápido e a pivô que efetuou uma finta. É no momento do passe rápido da ponteira e na percepção do deslocamento da especialista que a pivô já sabia o que devia fazer com a bola, isto é, a pivô compreendeu exatamente os três pilares básicos do comportamento técnico-tático, apontados por Greco e Benda (1998a; 1998b), decidindo sobre "o que fazer", "como fazer" e "quando fazer" de maneira eficiente, o que possibilitou ao atleta comporta-se de maneira inteligente durante a jogada (Matias e Greco, 2010).

Ao perceber a movimentação da jogadora pivô e observar a marcação, a especialista desloca-se a fim de receber o passe. O passe acompanhado do deslocamento é um sinal tático. A jogadora desfez da posse da bola, ocupando outro espaço, para estar em condições de nova recepção da bola. Isto evidencia que "em uma linguagem equivalente, pode-se dizer que o significante (o ato de arrancar) é um sinal que leva associado uma mensagem (petição de passe). Esta associação entre um significante comportamental e um significado tático forma um praxema" (Parlebas, 2001, p.349).

Ao analisar a ponteira, observamos que ela só efetuou esse passe rápido porque "leu" o arranque da especialista. A jogadora pivô que já havia percebido o deslocamento da especialista, interpreta que o passe rápido significaria uma preparação para a chegada da especialista. Foi nessa leitura situacional que novamente apareceu a indução corporal no que concerne ao fingimento do arremesso como uma ação de grande utilidade dentro deste jogo. Esta ação motora, com suas variações é a responsável por uma boa parcela do número de fintas efetuadas durante o jogo. Foi induzindo a marcação adversária que a pivô atraiu a marcação e preparou toda a jogada para a chegada da especialista.

Estratégia Motriz Defensiva

Ao estar de posse da bola, a presença de especialista no campo ofensivo proporciona uma superioridade numérica. A formação ofensiva em triângulo proporcionou um ataque rápido e eficaz pelo meio da área, apesar de que na maioria das vezes tornou-se um espaço bem preenchido pela defesa. Nessa jogada os defensores não conseguiram anteceder a possível movimentação adversária. Explica Menezes (2010, p.6) que "nesta perspectiva, o defensor deve ser apto a captar informações dos adversários de forma que consiga antecipar-se a prováveis tomadas de decisão não apenas de seu marcador direto, como também dos demais atacantes para buscar ajudas mútuas e coberturas".

Nesta jogada observamos que os defensores das pontas tentavam não ficar distantes do espaço mediano do jogo com a intenção de não permitir que o marcador central ficasse sozinho no meio. Porém essas ações não resultaram em êxito, visto que o ataque adversário tratou de ter como funções específicas atrair suas respectivas marcações nas pontas para obtenção de vantagem numérica em um ataque pelo meio.

Ao iniciar o ataque com a especialista, tornou a marcação mais difícil para a defesa adversária, no sentido de que nesse tipo de formação ofensiva a bola poderia ser direcionada para qualquer um dos lados, o que de certa maneira impedia uma antecipação por parte das defensoras. Sendo assim, estas se limitavam a "decodificar o comportamento dos demais e adivinhar seus propósitos a vista de seus gestos e posturas, sabendo ao mesmo tempo, que seu próprio comportamento será examinado imediatamente pelos demais" (Parlebas, 2001, p.91).

Isto é, no sistema defensivo do handebol, exatamente pela possibilidade sempre presente de um ataque em vantagem numérica, cada defensor não deve apenas preocupar-se com sua marcação individual, mas é preciso uma percepção global da situação o que proporcionaria tomadas de decisões mais efetivas. Haja vista que algumas tomadas de decisão se caracterizam determinadamente e essencialmente pela leitura (decodificação) dos participantes, antecipando suas ações, colocando-se no lugar dele e pensando como ele (Lavega, 2008).

Discussão

Estudos realizados recentemente foram capazes de constatar aspectos não muito discutidos no amplo campo das ciências do esporte, porém se apresentaram como elementos definidores de uma equipe melhor técnica e taticamente (Arruda, Sousa, Soares, Antério, Melo, Farias, 2013, Oliveira, Sousa Cruz, Soares, Arruda e Gomes-da-Silva, 2012, Gomes-da-Silva, Almeida e Antério, 2015, Soares, Gomes-da-Silva e Ribas, 2012 e Sousa Cruz, Farias, Antério, Soares, Ribas e Gomes-da-Silva, 2015). Nessas pesquisas constata-se como as comunicações, contracomunicações e gestos são linguagens presentes nos jogos que interferem diretamente na conduta dos jogadores ao estarem jogando. Para estes autores a ação corporal dos jogadores no jogo é um código de linguagem, uma troca incessante de sinais entre os participantes, e para aqueles que conseguem decifrar a mensagem antecipadamente conseguem realizar uma melhor tomada de decisão em determinadas situações de jogo.

Podemos compreender a partir do levantamento de estudos da tática nos esportes coletivos que são poucos os modelos de treinamento técnico-tático que levam em consideração esse fator como algo preponderante, ou talvez ainda não se saiba exatamente como desenvolver metodologias de trabalho capazes de otimizar a percepção da linguagem corporal dos jogadores, decifradas através da ação tática. Em nossas observações no jogo de handebol, os gestos e movimentações foram elementos definidores das situações analisadas: o gesto de induzir um companheiro ao erro, uma arrancada para deslocar a marcação com o objetivo de abrir espaços na defesa, são exemplos de situações decorrentes da ludibriação das ações corporais dos participantes em relação aos defensores.

Na figura 1, ao perceber que determinado jogador se deslocava, o defensor não percebeu a intenção que estava por trás dessa movimentação, isto é, o signo só foi compreendido em parte por aquele que estava defendendo. O defensor ao ter um "olhar mais apurado" para a situação em que estava envolvido poderia melhor interpretar as movimentações, percebendo seus signos e o que eles significavam. Isso indica que para um bom funcionamento do sistema defensivo é necessário que os defensores sejam capazes de interpretar os signos da ação dos jogadores. Apenas desta maneira é que eles puderam se antecipar com mais eficiência na jogada.

Desse modo podemos compreender que se faz necessário metodologias de treino que proporcionem a interpretação das movimentações adversários. Para isso seria necessário desenvolver situações de movimento em que os defensores não ficassem focados nem no jogador e nem na bola, mas sim nos sinais que são emitidos por companheiros e adversários que denunciam o futuro da jogada. O agir do jogador é sempre comunicativo porque toda ação no jogo é emissora de sinais e os participantes são capazes de perceber e tomar decisões quanto ao tempo da jogada e ao espaço de jogo.

Nessa perspectiva é possível compreender todas as ações corporais como expressivas, significativas e comunicativas, e não apenas os movimentos das danças ou rítmicos como expressivos, ou seja, capaz de comunicar algo, conforme anuncia Betti, Gomes-da-Silva e Gomes-da-Silva (2013). Portanto, é necessário melhor compreender como acontece os códigos e sinais motrizes nas situações de jogo. De acordo com Ramos (2003), a produção de código semiótico é um princípio dos sistemas de jogo. Para o autor existe a necessidade de professores ou técnicos de esportes coletivos analisarem os sistemas de signos, podendo desta maneira interpretar os índices espaciais e as mensagens corporais. "A codificação e a decodificação desses sistemas de signos é a tônica de uma ação pedagógica construída a partir de postulados praxiológicos, retirando a ênfase pedagógica conservadora da educação física reconhecida através das meras repetições de habilidades psicomotoras" (Ramos, 2003, p.92).

Desse modo, ao analisarmos as ações motrizes do handebol de areia, percebemos que podemos compreender o quanto a presença dos signos está presente nas ações no jogo e o quanto sua percepção é fator preponderante capaz de determinar o resultado de uma partida, como já foi constatado por Soares, Gomes-da-Silva e Ribas (2012) em um estudo sobre os jogos populares em ruas e praças. Isto porque os signos estão em todas as ações no jogo. O movimentar-se dos jogadores é portador de informações. O olhar tem uma indicação tática; fingir e induzir são signos efetuados em ações corporais capazes de conduzir ao erro tanto o adversário como seus companheiros. Por isso através da praxiologia motriz pode-se dizer que as ações sejam elas gestos ou movimentações, ofensivas ou defensivas, são transmissores de mensagem, haja vista que elas contêm uma linguagem que necessita ser melhor valorizada no campo das ciências do esporte.

Nas jogadas analisadas percebemos a ação fundamental da especialista na situação ofensiva. Nas duas jogadas a movimentação da especialista é comunicativa, ela desencadeia um tipo de sinal tático. Vejamos que na 1ª jogada se move com a bola em direção aos marcadores, essa movimentação é um sinal para o pivô que já se posta atento, uma vez que a especialista conseguiu uma marcação dupla para abrir espaços para seus companheiros. Percebe-se assim que esta ação foi feita em função do companheiro, com vistas a deixá-los em melhores condições de finalização. Semelhante a 2ª jogada que houve uma inversão nos papéis, nesta jogada é a pivô que

ao tentar uma infiltração traz consigo a marcação de duas jogadoras, por conseguinte abre-se espaço para a pivô deslocar-se e finalizar a jogada.

Percebemos assim que a especialista é o centro operante do funcionamento tático da jogada. Se a especialista não compreender a comunicação dos seus companheiros e se os companheiros não compreenderem o comportamento prático da especialista, toda a jogada é prejudicada. Esta comunicação gestêmica e praxêmica diz respeito a linguagem corporal dessas atletas durante o jogo. É preciso compreender os signos que estão sendo emitidos, seja por adversários ou companheiros, sob pena de perder oportunidades de contra-ataques ou de criar situações ofensivas que surpreenda o adversário. Ao pensarmos em situações de treino-ensino-aprendizagem e treino, fica evidente o quanto se faz necessário um trabalho de comunicação com a especialista, tanto em termos de estimular a percepção do comportamento dos jogadores, quanto de criar situações de jogo favoráveis a sua equipe.

Assim defendemos a tese que os gestos e ações do handebol de areia estão concatenados em uma rede de comunicação global em que os participantes estão inseridos, isso supõe, que para jogar bem com seus companheiros e sobressair-se aos seus adversários, vai requerer do participante esta capacidade "extra" de reconhecer os indícios que estão nas ações motrizes dos participantes. Nos explica Gomes-da-Silva (2011) que a boa capacidade de atuar no jogo está condicionada pela capacidade de semiotizar o espaço e os gestos dos jogadores. Para este o autor, semiotizar significa agir no espaço reconhecendo seus sinais (signos) que uma vez corretamente interpretados indicam uma resposta apropriada para a situação, isto porque "a interpretação dos dados que o participante "lê" de si mesmo e/ou dos outros é um passo prévio na tomada de decisão para seguir atuando" (Hernández Moreno e Ribas, 2004, p.16).

A comunicação determina a estrutura tática do jogo, percebemos que as participantes ao realizarem gestemas e praxemas facilitam o desenvolvimento das jogadas, por conseguinte, uma equipe que se comunica é melhor taticamente. No treinamento dos desportos coletivos estamos habituados a ouvir o termo "entrosamento", dizemos que quando uma equipe não está entrosada, não se comporta bem taticamente. Mas de fato o que se significa o entrosamento de uma equipe? O entrosamento está relacionado ao conhecimento técnico e tático interno de uma equipe, ou seja, é quando os jogadores têm conhecimento das ações, movimentações, capacidades e limitações de seus companheiros, de maneira que, tendo conhecimento disso, as jogadas acontecem com melhor qualidade tática.

Há uma necessidade de desentranhar a lógica interna do jogo do handebol de areia para trazer à tona sua dinâmica e totalidade, com vistas ao processo de ensino-aprendizagem e treinamento. Para isso destacamos o estudo de Ramírez (2010), que apresentou a complexa funcionalidade do contraataque, ao registrar os espaços sociomotores de rentabilidade, os tempos funcionais do jogo, a rede de interação motriz que oferecem vantagem à equipe, o sistema de pontuação quanto as condutas produzidas nos ciclos de ataque-defesa e do sistema de papéis e subpapéis. Nestes termos, também agregamos as sugestões de Ribas (2014), ao destacar a necessidade de que os aspectos técnicos, táticos, de cooperação, de oposição, de comunicação, de contracomunicação, sejam entendidos de modo articulados, sugerindo aos professores treinadores estes conhecimentos:

- a) Momentos estruturantes: é importante contemplar os elementos técnico-táticos individuais (ações motrizes) das posições, funções e interações de cada jogador nos distintos momentos do jogo, proporcionando a compreensão significativa no contexto de jogo;
- b) Regras de ações de jogo: em cada momento do jogo os aprendizes entendam as ações que são permitidas pelas regras para que os mesmos consigam explorar todo o repertório e, aos poucos, incorporem as ações motrizes mais eficientes para atuarem no jogo;
- c) Ações motrizes relativas aos distintos momentos do jogo: este grupo de conhecimento trata de evidenciar as ações motrizes pertinentes a especificidade do jogo, considerando as diversas situações;
- d) Leitura das ações motrizes de companheiros e/ou adversários: entender que a estrutura de jogo, regras básicas e ações motrizes, poderão se constituir em ações didáticas que estejam centradas no processo de aprendizagem da leitura e interpretação de ações motrizes pertinentes e relevantes, referentes aos distintos momentos do jogo, indicando as decisões que poderão ser tomadas a partir dessas leituras;
- e) Conhecimento prévio das ações motrizes do adversário e companheiros: por exemplo, na recepção o jogador deverá observar características e repertório das ações motrizes do adversário;
- f) Elementos de comunicação e contracomunicação nas distintas situações de jogo: estes conhecimentos estão relacionados aos elementos anteriores (estrutura, regras de jogo, leituras, conhecimento prévio e ações motrizes), numa forma mais coletiva, no caso, a partir da organização dos jogadores nos distintos sistemas de ataque e defesa.

Este conhecimento, quando não tratado pela praxiologia, acontece com o tempo, a medida que vão jogando juntos. Quanto mais tempo uma equipe joga junto mais ela se conhece. Significa dizer que os jogadores da equipe conhecem os signos dos demais, ou seja, seus gestemas e praxemas, assim identificam com mais facilidade as estratégias motrizes dos seus companheiros. Porém isso poderia acontecer como parte do treino tático das equipes, em que a equipe passasse a se "conhecer bem", tão logo fosse treinada nos

processos de comunicação práxica entre os jogadores. Esse conhecimento possibilita o que chamamos de “entrosamento” da equipe, de modo que diminui os erros entre os jogadores e estes apresentam menos dificuldade em tomar decisões e agir ofensivamente. Assim, afirmamos que o “entrosamento de uma equipe” ou seu ajuste tático está diretamente relacionado com consciência das relações comunicativas gestêmicas e praxêmicas realizadas pelos jogadores.

Considerações finais

Percebemos que para o sistema defensivo operar de maneira eficiente, deverá identificar com antecedência a linguagem das ações dos jogadores, identificando os sentidos das movimentações e o que indica os gestos, movimentos e olhares dos adversários. Por isso, baseados no conhecimento praxiológico, defendemos a ideia de que a tomada de decisão para ocorrer com eficiência aos objetivos, se faz na medida em que se compreende os indícios do jogo, isto é, o que cada jogador quer dizer com determinadas movimentações.

Esse conhecimento praxiológico é importante para treinadores que estão preocupados com o desenvolvimento técnico e tático dos seus atletas. Pois é com base nesse conhecimento comunicativo que podem melhor orientar o processo de elaboração de jogadas e tomadas de decisão, além de potencializar as situações de jogo, criando mais oportunidades de finalização. Assim os treinadores podem fazer uso destes saberes promovendo o treino de situações ofensivas e defensivas, como forma de habilitar os atletas na antecipação das jogadas, para levarem vantagem em relação aos seus adversários.

Vimos que as três jogadas selecionadas apesar de serem apenas uma pequena unidade da diversidade de situações de um jogo de handebol de areia, através do conhecimento praxiológico, nos possibilitaram a exploração das comunicações que geralmente não estão visíveis para aqueles que assistem e também para os que participam do jogo. Dessa forma tornou possível compreender um pouco da complexa trama do jogo em que os participantes estão envolvidos. A interação ocorre ao nível da ação motriz nas situações de jogo em que cada participante dedica-se na leitura dos sinais, na decodificação das mensagens e na inter-relação por meio de gestos e ações táticas.

Evidenciamos nas duas jogadas os códigos praxêmicos efetuados nas diversas movimentações, assim como as movimentações grupais que quase sempre são regidas por códigos estratégicos em que os jogadores movimentam-se e posicionam-se de tal modo estar em melhores condições para reagir em determinada situação. As jogadas que requeriam movimentações corporais aqui denominadas de induções corporais aparecem no jogo como um recurso essencial nas fintas realizadas. Por conseguinte os defensores que conseguem identificar a ação deste gesto com antecedência, podem muitas vezes se saírem melhor na interceptação das jogadas.

O fato de sempre se ter um jogador a mais na linha de ataque adversária, suscita que estes jogadores de defesa necessitem estejam bem mais entrosados no que fazem no espaço, em virtude de que quando todos enxergam a marcação como uma estratégia grupal, as chances aumentam de um bloqueio/roubada de bola, como foi observado também na jogada 2.

Diante do exposto, percebemos que as estratégias motrizes das duas equipes estão fundadas na interação motriz (comunicação e contracomunicação, ofensiva e defensiva, respectivamente). É percebendo, decodificando e emitindo sinais que os atletas conseguiram efetuar movimentações, induções e bloqueios técnicos.

Os fatos aqui expostos contribuem para professores e técnicos na medida em que possibilitam uma melhor compreensão dos processos interacionais que acontecem no jogo, o que contribui na criação de metodologias de ensino-aprendizagem do esporte como meio educativo ou como rendimento técnico. A utilização do conhecimento praxiológico permite desvelar novos horizontes e possibilidades de modelação e pedagogização dos processos de ensino-aprendizagem dos aspectos tangentes às interações a partir da lógica interna de funcionamento do jogo.

Estes novos conhecimentos atinentes ao jogo deverão também ser contemplados no processo de ensino-aprendizagem treinamento com metodologias mais adequadas e que contemplem estes conhecimentos. Significa apresentar situações pedagógicas que superem a repetição de ações motrizes desconsiderando o processo de interações. Ou seja, as metodologias parciais, de repetição, com ênfase na realização das técnicas, que desconsiderem o contexto informacional do jogo estão fora de cogitação. Sugere-se assim metodologias de ensino que contemplem os conhecimentos de interações desvelados pela praxiologia motriz, como por exemplo, o método situacional de Greco ou Teaching Games for Understanding (TGFU) de Bunker e Thorpe.

Referências

- Arruda, E. P., Sousa, R. W., Soares, L., Antério, D., Melo, C. V. e Farias, J. P. (2013). O badminton nas aulas de educação física: um relato de experiência. *Coleção Pesquisa em Educação Física*, 12(2), 111-120.
- Betti, M., Gomes-da-Silva, P. N., Gomes-da-Silva, E. (2013). Uma gota de suor e o universo da educação física: um olhar semiótico para as práticas corporais. *Kinesis*, Santa Maria, 31(1), 91-106.
- Crispim Junior, M., Almeida, A. G. e Bergano, V. R. (2010). Análise das ações motoras no handebol de areia. *Revista Hórus*, Ourinhos, 4(1), 112-125.
- Gomes-da-Silva, P. N. (2011). O jogo da cultura e a cultura do jogo: por uma semiótica da corporeidade. João Pessoa: Ed. Universitária UFPB.
- Gomes-da-Silva, P. N., Almeida, J. E. A. e Antério, D. (2015). A comunicação corporal no jogo de goalball. *Movimento*, Porto Alegre, 21(1), 25-40.
- Gomes-da-Silva, P. N., Betti, M. e Gomes-da-Silva, E. (2014). Semiótica. In: F. J. González e P. E. Fensterseifer, *Dicionário crítico de educação física*. 3. ed. Ijuí: Ed. Unijuí.
- Greco, P. J. Percepção no esporte. (2009a). In: D. Samulski (org.), *Psicologia do esporte: conceitos e novas perspectivas*. 2. ed. Barueri, SP: Manole.
- Greco, P. J. Tomada de decisão no esporte. (2009b). In: D. Samulski (org.), *Psicologia do esporte: conceitos e novas perspectivas*. 2 ed. Barueri, SP: Manole.
- Greco, P. J. e Benda, R. N. (orgs.). (1998a). *Iniciação esportiva universal: da aprendizagem motora ao treinamento técnico*. v.1. Belo Horizonte: Ed. UFMG.
- Greco, P. J. e Benda, R. N. (orgs.). (1998b). *Iniciação esportiva universal: metodologia da iniciação esportiva na escola e no clube*. v.2. Belo Horizonte: Ed. UFMG.
- Hernández Moreno, J. H. e Rodríguez Ribas, J. P. (2004). *La praxiología motriz: fundamentos y aplicaciones*. Barcelona: Inde.
- International Handball Federation (2010). Rules of the game: beach handball. Disponível em: <http://ihf.info/TechnicalCorner/BeachHandball/Regulations/tabid/4873/Default.aspx>. Consultado: 2/2/2017.
- Lavega, P. (2008). Classificação dos jogos, esportes e as práticas motrizes. In: J. F. M. Ribas (org.), *Jogos e Esportes: Fundamentos e Reflexões da Praxiologia Motriz*. Santa Maria: Ed. UFSM.
- Matias, C. J. e Greco, P. J. (2010). Cognição e ação nos jogos esportivos coletivos. *Ciências & Cognição*, 15(1), 252-271.
- Menezes, R. P. (2010). O ensino dos sistemas defensivos do handebol: considerações metodológicas acerca da categoria cadete. *Pensar a Prática*, Goiânia, 13(1), 1-15.
- Oliveira, D. M., Sousa Cruz, R. W., Soares, L. E., Arruda, E. P. e Gomes-da-Silva, P. N. (2012). A sistematização do handebol e as contribuições da praxiologia motriz nas aulas de educação física escolar. *Coleção Pesquisa em Educação Física*, 11(1), 53-60.
- Oliveira, M. Marco, B. e Coelho, A. (2011). Apontamentos sobre a evolução histórica, material e morfológica dos aparelhos da ginástica artística masculina. *Revista da Educação Física/UEM*, Maringá, 22(2), 283-295.
- Parlebas, P. (2001). *Juegos, deportes y sociedades: léxico de praxiología motriz*. Barcelona: Paidotribo.
- Ramírez, A. G. (2010). Análisis praxiológico del contraataque en balonmano. *Revista Acción Motriz*, 2(5), 4-11.
- Ramos, J. R. (2003). Queimado: um jogo tradicional desvendado pelas impressões praxiológicas. In: J. R. S. Ramos, F.V. Silva, L.S. Chagas e W. Cantalice Neto (orgs.) *Praxiologia motriz no Brasil* (pp.83-96). Niterói: L. A. Erthal.

- Ribas, J. F. M. (2002). Contribuições da praxiologia motriz para a educação física escolar: ensino fundamental. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Faculdade de Educação Física da Unicamp. Campinas: SP.
- Ribas, J. F. e Marco, A. (2008). Análise praxiológica dos conteúdos da educação física proposta nos parâmetros curriculares nacionais (PCN's). In: J. F. M. Ribas (org.). Jogos e esportes: fundamentos e reflexões da praxiologia motriz (pp.21-56). Santa Maria: Ed. UFSM,
- Ribas, J. F. (2014). Praxiologia motriz e voleibol: elementos para o trabalho pedagógico. Editora Unijui.
- Serenine, A. L., Noce, F. e Freire, A. (1998). Voleibol. In: P.J. GRECO (org.): Iniciação Esportiva Universal: Metodologia da iniciação tática. v. 2. (pp. 246-282). Editora Universitária. UFMG,
- Soares, L. E., Gomes-da-Silva, P.N. e Ribas, J.F. (2012). Comunicação motriz nos jogos populares: uma análise praxiológica. Movimento, Porto Alegre, 18(3), pp.159-182.
- Sousa Cruz, R. W., Farias, G. P., Antério, D., Soares, L. E., Ribas, J. F. e Gomes-da-Silva, P. N. (2015). Interação e criação no jogo barra-bandeira: aprendizagem na perspectiva parlebasiana e winnicottiana. EFDeportes, Revista Digital 19, (201), 1-8
- Ugrinowitsch, C. e Uehara, P. (2006). Modalidades Esportivas Coletivas: voleibol. In: J D. De Rose (Coord.), Modalidades esportivas coletivas (pp.166-179). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.